

## O VIRTUAL NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Evanildes Lorencena  
Bolsista PIBIC/CNPQ – UNIJUI  
Gesualda dos Santos Rasia  
Profª. Dra. Orientadora

**Resumo:** A partir da Análise do Discurso (AD), com fundação em Pêcheux e em diálogo com outros pensadores, pretendemos analisar como o sujeito historicamente constituído é representado no site de relacionamentos mais popular em todo o mundo, o Orkut, em comparação a outras materialidades discursivas, utilizadas em outras épocas. A virtualidade (ou o virtual) é vista, com muita freqüência, como algo que "não está presente", no entanto, isso não é a mesma coisa que não existir, pois algo que não ocupa espaço físico designável não significa necessariamente que não existe, mas que está "desterritorializado".

**Palavras chave:** Análise do Discurso, Virtualidade, Sujeito.

### **Introdução:**

Segundo Lévy (1996), *“o virtual está definitivamente se confundindo com o real”*. Ele explica isso discorrendo que a palavra virtual é empregada com freqüência para significar pura e simplesmente a ausência do real. O real, em seus estudos, seria da ordem do “ter” ou do “ser” efetivo, e o virtual seria mais da ordem da “ilusão” ou do “pensar em ser”. Por esta visão, o real assemelha-se ao possível, já o atual não possui semelhança com o virtual, pois seria a resposta dele. Dizendo de outra forma, virtual é aquilo que está visível, mas não palpável, que existe, mas não pode ser atingido por nós e que não é exatamente aquilo que se vê, sente e escuta, e que por isso causa estranheza.

Partindo do ponto de vista deste autor, entendemos ser interessante relacionar algumas noções de virtual (virtualidade), com os modos de constituição do sujeito (em AD) e fazer alguns contrapontos em relação aos estudos da subjetividade no uso da linguagem comum aos internautas da modernidade.

A partir do momento em que falamos, as entidades eminentemente subjetivas, que são as emoções complexas, os conhecimentos e os conceitos são externalizados, objetivados, intercambiados, podem viajar de um lugar a outro, de um tempo a outro, de

um espírito a outro, e é neste sentido que podemos pensar a virtualização da linguagem e do sujeito (na sua constituição), na medida em que a língua constuiu-se numa virtualização do tempo real, das coisas materiais, dos acontecimentos atuais e das situações em curso.

## O Virtual e a AD

A noção de virtual, segundo Lima (2004), teria sido trabalhada inicialmente por Aristóteles, alguns séculos antes de Cristo. Nas análises deste pesquisador, o conceito de virtual foi inicialmente cunhado por Aristóteles, na filosofia escolástica, e trazido para a modernidade por Pierre Lévy (2003). Vejamos as citações destes pensadores:

Ser não é apenas o que já existe, em ato; ser é também o que pode ser, a virtualidade, a potência. Assim, sem contrariar qualquer princípio lógico, poder-se-ia compreender que uma substância apresentasse, num dado momento, certas características e, noutra ocasião, manifestasse características diferentes: se uma folha verde torna-se amarela é porque verde e amarelo são acidentes da substância folha (que é sempre folha independente de sua coloração". (Aristóteles, 1987:XIX).

Na visão de Aristóteles, o conceito foi cunhado para explicar, aparentemente, fatos concretos, elementos da natureza e suas evoluções. Já na versão publicada por Pierre Lévy, em *O que é virtual?*, edição 2003,

A palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal (Lévy, 2003. p.17).

pode-se notar que o mesmo pensa a mesma noção de virtualização como um processo de “desterritorialização”, isto é, o que antes tinha alguns limites geográficos e lógicos ( natureza) para existir, passa a fazer parte de todo lugar ou de lugar nenhum. Pela sua ótica, o corpo humano, por exemplo, que era pensado como um “ser” absoluto e individual, passa a ser virtualizado através dos transplantes de órgãos e tecidos; as percepções humanas (sensações) são virtualizadas pelas drogas; os sentidos são virtualizados pelas telecomunicações ( visão e audição – com o uso do telefone ( voz) e da Web Cam, que transmite a imagem em tempo real), e assim por diante. Para entender melhor como o “sujeito” se virtualiza, é importante entender como a AD percebe este sujeito (que se relaciona com outros sujeitos virtualmente), e a linguagem (enquanto elemento de constituição dos sentidos e do próprio sujeito).

Para Lévy, O real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: *responde-lhe*. Da forma com que este autor trabalha a noção de atual podemos entender sua proposta de que tudo que é virtual pode ser “atualizado”.

Ainda sobre a questão do *atual*, Gilles Deleuze ( ALLIEZ, 1996, p. 49) afirma que *não há objeto puramente atual*. Para ele, o atual é rodeado por névoas virtuais, e estas névoas são, na verdade, círculos sempre renovados de virtualidades. Analisando esta questão a partir de noções cunhadas em AD, e em respeito ao texto, por exemplo, podemos entender estas *névoas* (de Deleuze) como o “já dito”, entendido como o interdiscurso, que compreende o conjunto das formações discursivas nas quais o sujeito está inserido e as atualizações propostas por Lévy seriam resultados da busca, pelo sujeito, na memória discursiva, por elementos que lhe permitam dar sentido ao texto. Objeto e imagem, nesta concepção, são ambos virtuais, na medida em que o atual passa sempre por uma atualização que os afeta. ( a memória funciona desta forma, pois a cada época em que nos lembramos de algo o fazemos de forma diferente, dependendo do momento em que somos instados a “lembrar” e do motivo por que lembramos).

Pierre Lévy (2003, p. 37), quanto a isso, adota o seguinte conceito: “*no esforço de dar significação ao que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrotando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, contribuimos para erigir a paisagem de sentido que nos habita*”. Através do dizer deste autor, chegamos à noção de sujeito. Vejamos como a AD entende a sua constituição e sua relação com o virtual.

### **A Análise do Discurso e a constituição do sujeito virtual**

Na perspectiva da AD, “não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia”. A ideologia, para esta vertente, é uma prática significativa, não é consciente: é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em uma relação necessária, para que assim, signifique. O sujeito, portanto, é lugar historicamente constituído de significação (ORLANDI, 2007).

Segundo os estudos dessa pesquisadora, um dos pontos fortes da Análise do Discurso é justamente ressignificar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem. Podemos começar dizendo que a ideologia faz parte , ou melhor, é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Pêcheux (1988) afirma ainda que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como as “que afetam o sujeito” mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história e, para produzir sentidos, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante, que é a língua. Este sujeito sócio-histórico constituído virtualmente representa o explicitado por Orlandi (2007), sobre a significação do dizer, que pode ser interpretado de formas diferentes por diferentes interlocutores; são sujeitos que se constituem livres e ao mesmo tempo submissos aos domínios do “seu” dizer. Por este viés, entendemos que o que o internauta propõe como o seu perfil na Web não se trata de uma enunciação individual, com origem em si, mas reporta a espaços de repetibilidade, que podem ser interpretados de diferentes formas pelos sujeitos outros que visualizam este perfil na internet.

Priorizaremos a partir daqui entendimentos de como se constitui o sujeito internauta. Quem é ele? Que relações existem entre o imaginário que cria sobre si mesmo e sobre o outro (aquele que visita seu perfil na internet)? Ao falar de si mesmo, o sujeito procura dar sentido a este “eu” através das relações de alteridade com o outro, utilizando a materialidade do discurso, que é a linguagem; esta, entendida como elemento constitutivo da subjetividade.

Conforme postula Orlandi (1988), ao falar de si, o sujeito assume vários papéis no discurso, e por isso ele é estranho a ele mesmo. De certa forma, falar (dizer) é ser-se estranho, é dividir-se, uma vez que os processos discursivos não têm origem no sujeito, embora se realizem necessariamente nesse sujeito (p.10). Se considerarmos que o sujeito internauta escreve a partir de um lugar social de que faz parte e que o seu interlocutor é 98% das vezes desconhecido, podemos dizer que ele se constitui através do outro, num processo de alteridade? Ou o autor do discurso virtual constitui-se através do imaginário social? Nesse caso a “resposta” não viria de um sujeito materializado, mas do outro “eu” que o constitui e é representado pela voz social que o determina. Estas e outras questões serão nossos objetos de estudo a partir daqui.

Diante do processo que podemos chamar “silencioso” das relações do internauta com a máquina (computador ligado à internet), observamos que o imaginário do autor que constitui seu perfil é tanto constitutivo do seu “eu”, como do “eu” do outro (interlocutor), sendo que é através da questão “quem é este outro?” que o sujeito busca sua identidade.

É entre o desejo de completude e incompletude, entre a resistência e a determinação que o sujeito procura construir sua identidade e ocupar o seu lugar. Este sujeito procura, no movimento de (des) identificação, se completar como sujeito ( Jobim, 2008). É oportuno trazer aqui a noção de sujeito em AD, pois à primeira vista pode parecer que estamos tratando do sujeito específico e individual e que este será nosso objeto de análise. Ao contrário, trataremos aqui desse sujeito que se define como “posição” e que se produz entre diferentes discursos, numa relação regrada com a memória do dizer (o interdiscurso), definindo-se em função de uma formação discursiva na relação com as demais.( Orlandi (1996, p.49)

A constituição do sujeito e seu “assujeitamento” são enfatizados por Indursky (1992) para dizer que este sujeito, em AD, é um indivíduo *interpelado* em sujeito, através da ideologia. E ainda:

Com a AD, a categoria de sujeito deixa de ser idealista, pois entende-se que esta categoria é interpelada ideologicamente, e o sujeito, ao produzir seu discurso, o faz a partir de determinadas posições do sujeito, igualmente ideológicas. Essa visão “individualizada”, contudo, não transforma esse sujeito em uma figura que decide livremente seu discurso, pois trata-se de um sujeito socialmente constituído. No entanto, por não ter consciência de seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável por seu discurso ( p.17).

Seguindo o raciocínio de Orlandi (1988), quando ela escreve que o dizer não é apenas do domínio do locutor, pois tem a ver com as condições em que se produz e com outros dizeres, isto é, com os lugares em que ele passa, podemos constatar que o discurso do internauta no Orkut é resultado de suas relações sociais, do contexto social em que vive e é, sim, regulado por uma força-sujeito virtual que regula o que ele pode ou não dizer sobre si. Esta regulação faz parte de um conjunto de regras e normas que constituem uma formação discursiva própria deste meio.

Dias, em seu texto *O falar de si como marca constitutiva de alteridade* (UFSM, 2006), afirma que pensar na constituição de uma identidade narrativa mediante a construção de sentido é pensar o modo como esse sujeito atribui sentido para si mesmo ao se colocar no seu discurso como o *quem* dos acontecimentos relatados, ao se colocar no discurso como *aquele* que age, produzindo sentido para o que *ele* diz sobre si mesmo (

p.87). Diante disso, podemos pensar que o *eu* do qual o internauta fala é um eu disperso, incompleto e em busca de um “eu” com efeito de completude ( ainda que imaginário).

A dispersão do sujeito internauta pode ser observada também nas diferentes formas de linguagem utilizadas. O uso dos estrangeirismos, muito comum na linguagem da comunicação virtual, já nem se caracteriza mais como o único modo de o sujeito revelar o seu caráter de incompletude e de dispersão. Múltiplos recursos concorrem para a composição dessa incompletude, como o uso de abreviaturas e os “emoticons” - sinais gráficos que representam sentimentos, que caracterizam a era da velocidade e da urgência que faz com que o sujeito realize múltiplas tarefas ao mesmo tempo. São recursos que, segundo palavras de Bauman ( 2001), representam a fluidez das relações modernas, que não se fixam nem no espaço e nem se prendem no tempo. São diferentes formas de linguagem servindo de materialidade para a constituição dos sujeitos.

Ao analisar as formas de linguagem utilizadas nas relações interpessoais virtuais, emergiram daí algumas seqüências discursivas (sds) que nos permitiram verificar a existência de algumas regularidades e, desta forma, caracterizar uma formação discursiva (FD). Neste caso trata-se de uma formação discursiva extremamente heterogênea, pela variedade e multiplicidade de vozes que circulam dentro dela e pela característica fortemente marcada pela liquidez, isto é, pela mutabilidade constante, pois para estes usuários da linguagem e das relações virtuais, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”.

A noção de formação discursiva é tributária de Michel Foucault (2004), que a conceitua da seguinte forma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade( uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (p.43).

Cazarin (2005), através dos estudos de Pêcheux (1977, 1988) e de Courtine (1981 b), complementa que é o interdiscurso que delimita o conjunto do dizível, e que uma FD existe historicamente no interior de determinadas relações de classe e deriva de condições de produção específicas. Conforme seus estudos,

A caracterização de uma FD então, pela dispersão que a compõe, é uma lei de coexistência; uma FD não se apresenta como uma totalidade, e sim como uma repartição de lacunas, de vazios, de ausências, de limites e de recortes. E o que nos permite delimitar um grupo de enunciados que lhe são específicos é a maneira pela qual esses diferentes elementos são relacionados uns com os outros (CAZARIN, 2005, p. 86).

Esta autora acrescenta que não se trata aqui de pensar a heterogeneidade pelo fato de que ela é constitutiva de todo e qualquer discurso, isto é, no sentido de que discursos se constroem sob discursos e de que sempre há um discurso exterior ao sujeito, mas também, em especial, de pensar a coexistência dessas diferentes posições-sujeito no interior de uma mesma FD. Neste sentido, o sujeito que se inscreve num site de relacionamentos virtuais está, neste ato, se inscrevendo numa FD caracterizada por normas específicas que regulam estas relações. A heterogeneidade do sujeito, portanto, permite que o mesmo faça parte de uma ou mais FDs, e a sua capacidade de alteridade (relação “eu” com o “outro” e do “eu” com o outro “eu”) lhe permitem interagir de formas diferentes em situações diferentes.

Esse sujeito que se relaciona virtualmente pode tanto fazer parte de uma FD quanto de outra, com proposições opostas, já que na rede a noção de responsabilidade sobre o conteúdo veiculado é “isenta”. Dizemos isenta e colocamos a palavra entre aspas para salientar esta ausência de responsabilidade relativa. A mesma pode ser pensada através dos estudos de Bakhtin (2003), quando trata da “atitude responsiva”, que consiste na capacidade semântica (de sentido) do enunciado de suscitar do outro uma *resposta*. Tal resposta, na realidade, sabemos não ser necessariamente esperada pelo internauta. Desta forma pode-se caracterizar uma atitude na ordem da psicanálise, que não suscita uma resposta do outro (tu), mas sim deste outro (eu) que o constitui subjetivamente. Ao postar em seu perfil questões óbvias e objetivas, o internauta abre mão desta “resposta” do seu interlocutor. No entanto, ao se caracterizar de maneira subjetiva, a resposta não viria do outro (imaginado), mas do outro “eu” que o habita e que o constitui. Como ele se vê diante daquilo que o representa na rede é uma questão que pode suscitar uma resposta muito mais significativa.

A formação discursiva, segundo Orlandi (1988), é o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos). Considerando, portanto, que o sujeito da era virtual (que se constitui virtualmente) é fragmentado e invariavelmente disperso, uma vez

que suas relações são desta ordem, pode-se pensar que a constituição deste sujeito se dá de forma diferenciada, pois a partir do momento em que independe do outro para se constituir, passa a viver vidas diferentes nos espaços diferentes que frequenta, isto é, nas relações virtuais ele é um (ou mais) e nas relações sociais fora deste meio assume outra posição. É claro que ocorrem, neste caso, relações de constituição em que o eu de um espaço contribui para a constituição do eu do outro espaço, numa relação de vai e vem que é própria da sua incompletude.

No movimento de constituição das identidades, Orlandi postula que não há uma separação categórica entre o estatuto do eu e do outro, e que representamos vários papéis ao mesmo tempo. Nesta perspectiva, ela conclui que há uma instância em que o outro somos nós (ibidem, p.12).

Retomando a constituição do sujeito internauta sob outro ponto de vista, consideramos que a “adesão” do sujeito às relações virtuais agrega ainda outras características da modernidade, como a vontade de ser visto, de ser notado e a necessidade de “aparecer”. Considerando a incompletude do sujeito, podemos inferir que o sujeito lança perguntas (subjetivas) ao outro (imaginário) ou ao seu *outro eu* através do Orkut, numa atitude que reflete a sua dispersão e caráter de incompletude. Como ele não espera uma resposta efetiva destes outros aos quais se dirige, proponho aqui uma comparação deste modo de escrita virtual com outro modo de dizer-se fragmentado, muito utilizado antigamente.

Quem faz parte da geração “anos 80” com certeza lembra-se dos “cadernos de recordação” que circulavam nas escolas na época. Nesses cadernos o sujeito era convidado pelos colegas a colocar, em uma página, algo que fizesse o dono do caderno lembrar-se dele em outra fase da vida. Existia ainda outro tipo de caderno, que era organizado de forma que em cada página o sujeito era questionado sobre um aspecto da sua vida, preferências, opinião sobre vários assuntos, etc. Nesta proposta, na primeira folha constava o nome do sujeito, na segunda folha o seu endereço, na terceira suas impressões a respeito do dono do caderno e assim por diante, sendo que em cada folha, o que o representava era um número. Esta era, na verdade, uma forma fragmentada de constituição do “eu” dos sujeitos que participavam da brincadeira. Este tipo de fragmentação do eu representava, em outra época, o que acontece no Orkut atualmente, pois o perfil do sujeito é montado a partir de várias questões e links que possibilitam aos

usuários “formular” uma idéia de um eu idealizado, tanto de si como do outro (eu). Claro que se formos pensar na questão da materialidade, as diferenças são enormes, mas se pensarmos que o sujeito sempre buscou, se alguma forma, se constituir pelo outro, chegaremos à conclusão de que o que mudou foi somente a forma material. Parece-me muito interessante neste momento fazer uma análise das semelhanças entre essas duas materialidades discursivas, relacionando-as com a constituição do sujeito “fragmentado”.

Tendo em mãos um caderno de recordações emprestado de uma amiga que o guardou por 19 anos, desde seus tempos de estudante do ensino fundamental, nos chama a atenção o fato de que as questões que estão ali colocadas são exatamente as mesmas colocadas no Orkut hoje, com algumas exceções. Enquanto os jovens dos anos 80 utilizavam os cadernos, geralmente de capa dura, por serem mais duráveis, no intuito de preservar por mais tempo as lembranças, hoje o que se vê no Orkut é exatamente o contrário, as informações disponíveis nos perfis tanto podem ser as mesmas ontem e hoje, como podem mudar a qualquer momento, dependendo do “momento” vivido pelo internauta. Vejamos como isso acontece:

SD 1 – de um perfil do Orkut

***Quem sou eu:***

*Coração para que se apaixonou  
Por alguém que nunca te amou  
Alguém que nunca vai te amar  
Eu vou fazer promessa para nunca mais amar  
Alguém que só quis me ver sofrer  
Alguém que só quis me ver chorar  
Preciso sair dessa, dessa de se apaixonar  
Por quem só quer me fazer sofrer  
Por quem só quer me fazer chorar  
É tão ruim quando alguém machuca a gente  
E o coração fica doente sem jeito até pra conversar  
Dói demais que só quem ama sabe, sente  
O que se passa em nossa mente na hora de deixar pra trás  
Nunca mais eu vou provar do teu carinho  
Nunca mais eu vou poder te abraçar  
Ou será, que vou viver melhor sozinho  
E se for, mais fácil pra me perdoar  
O amor as vezes só confunde a gente  
Não sei, com você pode ser bem diferente...coração  
.....*

SD 2 – de uma página do caderno de recordações

*Apaixona-se*

*Frágil e desconcentrante,  
me faço elegante  
E me deixo ficar apaixonada,  
sem atropelo ou utopia,  
Curto a mera alegria  
de ficar pensando em você,  
Este presente,  
sonho feito realidade  
Um universo redescoberto  
e o perto se faz longe.  
Mas sempre envolvente  
um toque artístico  
uma cena pra recordar  
Te quero tão simples  
como um grito  
em busca do eco,  
Um corpo em busca da luz  
faço-me sincera  
e espero tua chegada,  
Sem pressa  
sem alarde  
Só com a máxima vontade  
De reter em nós  
um pouco do mundo  
e um tudo de azul!*

O uso de letras de músicas e de poesias para tentar passar uma imagem romântica de si mesmo é muito comum no Orkut. Falar de si através de já ditos é considerado mais fácil, pois inserir-se numa FD já constituída é mais simples e menos dispendioso. Ou seja, a modernidade exige que os jovens se adaptem a um mundo que os poupa de pensar por si mesmos e de formular questões complexas de caracterização do seu “eu”.

São utilizados ainda os provérbios, passagens de livros clássicos, imagens (desenhos feitos caprichosamente à mão, no caso dos cadernos; e imagens buscadas na rede, no caso do Orkut), tipos de letras diferentes (nos dois casos), cores, formas e colagens ( nos cadernos estas eram feitas com muito capricho, muitas vezes com o uso de borboletas, pétalas de flores, folhas, etc.). O próprio conceito de cortar e colar para os usuários da virtualidade mudou radicalmente dentro de um espaço muito curto de tempo.

Hoje é definido pela ação de copiar (Ctrl C) e colar (Ctrl V) imagens ( ou textos) da própria rede, que disponibiliza milhões de opções, tendo o usuário a simples tarefa de selecionar, através dos recursos do teclado ou do mouse do computador a que mais se adequar à sua intencionalidade.

Trazemos aqui uma citação de Bauman (2001) que retrata estas diferenças de forma prodigiosa: *A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sobre seu caráter, conduta e destino* ( p. 131). Ainda que estivesse se referindo à inventividade e capacidade humanas de conquista do espaço geográfico (terras), esta passagem nos remete à mesma capacidade do ser humano de estar sempre se reinventando e buscando a constituição do seu eu através do outro, sempre de formas mais modernas e criativas. Este mesmo autor se refere à aventura e à felicidade, à riqueza e ao poder enquanto conceitos geográficos ou propriedades territoriais. Esses conceitos hoje estão sendo pensados de forma diferente, pois a riqueza, o poder, a aventura e a felicidade podem estar ao alcance do internautas, basta ele clicar um botão e um mundo todo se descortina à sua frente. A capacidade de seu hardware é que regula o quanto estas sensações podem ser “reais”; a sua capacidade de interagir com outros usuários e de conhecer diferentes linguagens virtuais é que regulam o nível de seus relacionamentos e a profundidade de seu caráter.

*O tempo instantâneo e sem substância do mundo do software é também um tempo sem conseqüências* (BAUMAN, 2001, p. 137). Esta instantaneidade, segundo o autor, significa realização imediata, “no ato” – mas também o desaparecimento do interesse, pois a distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo. Penso que o que existe hoje são “momentos”, pontos sem dimensão que definem o tempo em que o mais importante é buscar sempre, ainda que para nunca alcançar plenamente o ideal que, no surgimento de uma nova norma, se modifica e se dilui, aprisionando o ser humano na insustentável e incessante busca pela liberdade (utópica?) e pela sua própria completude (imaginária).

### **Bibliografias:**

ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*/ Éric Alliez; tradução de Heloisa B. S. Rocha – São Paulo: Ed. 34, 1996.

BAUMAN, Zigmunt. 1925 – *Modernidade líquida*/ Zygmund Bauman; tradução Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª Ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 ( Coleção Biblioteca Universal).

CAZARIN, Ercilia Ana. *A propósito de uma Introdução para a Análise do Discurso da Escola Francesa*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1995. (Cadernos UNIJUI)

CORACINI, Maria José R. F. *A escrita de si na internet: histórias ao acaso e o acaso das histórias*. In: Questões de escrita. Organizado por Carme Regina Schons, Tânia Maria K. Rösing.- Passo Fundo: UPF, 2005.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita* / Roger Chartier; tradução de Fulvia M.L. Moretto. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*./ Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. - 7. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

JOBIM, Ana Paula Pauletti – *A construção da identidade do sujeito-aluno: interfaces entre o ambiente escolar e o virtual*. Dissertação de mestrado em Letras (UFSM), Passo Fundo, 2008.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* / Pierre Lévy; tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Ed.34, 1996.

LIMA , Samuel. *As Novas Tecnologias da Informação e o Conceito de Virtual: de Aristóteles à Pierre Lévy*. NECOM - Núcleo de Estudos em Comunicação - Instituto Bom Jesus/IELUSC. Disponível em

<<http://redebonda.cbj.g12.br/ielusc/necom/rastros/rastros04/rastros0405.html>> Acessado em 12/11/2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Eni P. Orlandi – Campinas: SP: Pontes, 7º ed. 2007.

\_\_\_\_\_. *A Linguagem e seu Funcionamento – As Formas do Discurso*, 4ª Edição, Editora Pontes, São Paulo, 1996

\_\_\_\_\_. *Sujeito e Texto*/ Eni Orlandi...(et. al.). – São Paulo: EDUC, 1988 (Série cadernos PUC)

PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

